

Editorial: Masculinidades e Saúde Integral: Reflexões, Eficácias e Adoecimentos

Masculinities and Comprehensive Health: Reflections, Effectiveness, and Illnesses

Lembro quando tinha não mais de oito anos e estava no velório de um relacionado de meu pai. Eu, sendo menino, já estava sendo iniciado na Casa dos Homens¹ (conceito que iremos abordar mais a frente) e compartilhava a roda de conversas dos homens. Eles falavam que supostamente o homem tinha se matado após fazer um seguro de vida, pois a família estava passando necessidade, ele tinha filhos e mulher. Lembro de falarem isso com orgulho, dando ao morto status de herói, salvador, “homem de verdade”. Em outro momento lembro de meu pai falar que não é daqueles “amigos que consolam viúva” como tem muitos por aí, que iria respeitar o defunto.

Em linhas gerais, estas minhas memórias de uma autoetnografia² infantil representam a masculinidade tal qual eu e toda minha geração compartilhamos: auto sacrifício para manter um status social de provedor e, mesmo que não seja verdade, estabelecer uma relação moral entre sexo em sua prática ou não prática. Esses elementos são processos de adoecimento do homem (e daqueles que independente do gênero compartilham de tal hegemonia conceitual) e que impactam totalmente em sua saúde integral, em seus elementos biopsicossociais.

Zanello³ vai integralizar meu exemplo a partir de dois conceitos fundamentais: Eficácia sexual e eficácia laborativa - aqui iremos debater como tais exemplos e suas aplicações impactam na saúde integral masculina. A eficácia sexual fala sobre o homem estar sempre disposto ao sexo e que seu desempenho precisa ser super efetivo sempre, minha hipótese de um projeto recém aprovado em edital é que a crescente liberdade sexual feminina coloca a prova tal eficácia: se antes apenas penetrar/ejacular era o suficiente, agora é preciso ter outras ações que serão

AUTOR

**Prof. Dr. Rafael Ademir
Oliveira de Andrade**

Sociólogo, Doutor em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Universidade Federal de Rondônia, Professor Adjunto no curso de Medicina do São Lucas Afya Porto Velho. Rondônia.

medidas nesta eficácia quando as mulheres, tal qual homens já faziam livremente antes, passam a falar sobre seus parceiros sexuais para seus ciclos internos e nas redes sociais.

A relação com o sexo, que é em geral doentia/difícil entre os homens, se torna ainda mais precarizada: ao invés de buscar conectar-se com o que seria outra forma de fazer sexo (o que condicionaria debates sobre isso, terapia, dialogar com suas parceiras), os homens passam a usar remédios para impotência sexual mesmo quando não precisam, para aumentar seu “desempenho”⁴ e este uso indiscriminado causa/tende a causar diversas formas de adoecimento como dependência mental (só alcançar o desempenho x com uso de remédios) e biológicos ainda estudados.

Entendemos que o sexo é parte fundamental do rito de ser homem em nossa sociedade. Sua performance estabelece tabus internos e externos para o homem. Van Gennep⁵ nos permite entender que o sexo penetrativo é um rito de separação - pois separa homens de meninos/machos de fêmeas/caçador de presa/passivo de ativos/betas de alfas - e automaticamente coloca o homem em um local superior na Casa dos Homens¹. O sexo, para quem compartilha tal masculinidade hegemônica, é também um rito de agregação ou incorporação: é preciso falar sobre sexo quase o tempo todo, mentir desempenhos e mesmo quando não há mais vida sexual, é preciso remontar à sua história sexual para reafirmar sua masculinidade. Esta performance sexual falocêntrica permeia as minhas, e de milhares de homens, perspectivas e memórias sobre como me relacionei com os outros seres masculinos em minha vida.

Estes rituais para a hombridade são todos ensinados na Casa dos Homens¹ o local onde meninos são formados por seus pais, avôs, heróis fictícios, amigos e outros que ali já foram formados. Este espaço simbólico (que existe na consciência coletiva e individual dos sujeitos) é o regulador hegemônico da masculinidade: o homem que foge destes parâmetros é de alguma forma diminuído e comparado com o outro lado: é associado às características femininas.

Para alcançar tal métrica - que é sempre superior à realidade - de eficácia sexual, o homem viola sua saúde biopsicossocial, faz uso de remédios, anabolizantes, casos de depressão e ansiedade, amplia sua relação com a violência, dentre muitas outras formas⁶. Precisamos, enquanto formadores(as), pesquisadores(as) e agentes de políticas públicas, pensar e modificar tal relação.

A eficácia laborativa³ é aquela que faz, supostamente, o homem se matar para manter financeiramente sua família no *post-mortem*, ou que faz com que ele morra de tanto trabalhar, ou que cometa ato de autoextermínio quando não consegue. É a forma mais efetiva de captação dos homens para a lógica do capital: é preciso ganhar sempre, medir sua hombridade e valor por quanto você recebe de salário, gastar dinheiro com mulheres consideradas bonitas/disputadas, sustentar sua esposa e filhos presos em casa, dentre outras ações. Quando não o faz, é considerado um *outsider* desviante da Casa dos Homens¹. O movimento misógino redpill⁷ afirma que toda mulher é uma alpinista social e que só vai se relacionar com homens de sucesso (e vai te largar caso você não tenha), este pensamento cria uma aura de medo entre jovens (e adultos/idosos) que não raramente descamba em ódio contra as mulheres.

Essas eficácias - sexual e laborativa - levam aqueles que compartilham de tal masculinidade ao adoecimento mental, biológico e social, atacando suas relações dentro da pele e fora da pele, ou seja, consigo mesmos e com as demais pessoas/relações sociais e institucionais. Este adoecimento não abarca apenas homens, mas todas as suas relações amorosas, familiares, laborais, sexuais, é pauta de adoecimento estrutural da sociedade como um todo, um grande exemplo disto é o crescimento dos discursos misóginos entre jovens⁷ que desembocam em ataques contra meninas/mulheres no Brasil e no mundo, como ataques à escolas.

Precisamos investigar este fenômeno em diversas frentes. Enquanto Sociólogo, analisar as relações de poder, discursos e políticas públicas é minha contribuição inicial. Este texto é um compartilhamento de reflexões e um convite para pensarmos juntos, cada um em sua formação e área de atuação, este problema que nossa sociedade criou e alimenta diariamente.

REFERÊNCIAS

1. Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, 9, 460-482. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>
2. Santos Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo*, v. 24, n. 1, p. 214-241, 30 jun. 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972
3. Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos desubjetivação*. Curitiba, PR: Appris.
4. Pavan, Larissa. Cresce o uso descontrolado de tadalafila entre jovens e preocupa especialistas. *Egydio Medical Center EMC*, 17 abr. 2025. Dados da Anvisa apontam que o consumo de tadalafila no Brasil saltou de

aproximadamente 3 milhões de unidades em 2015 para 64 milhões em 2024 (quase 2.000%), com uso cada vez mais comum entre jovens sem indicação médica. Acesso em: 6 ago. 2025.

5. Genep, Arnold van. Os ritos de passagem. Trad. Monique Clavel. Petrópolis: Vozes, 2011.

6. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. x, n. y, p. xx-yy, 2023. Qualis A1. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/...> . Acesso em: 6 ago. 2025.

7. Andrade, R. A. O, Suyane de Oliveira Costa, Cristiano de Almeida Fernandes, Wuelison Lelis de Oliveira, Aciê Iguchi, & Alice Andrade de Souza. (2025). A CASA DOS HOMENS E MOVIMENTO REDPILL/MGTOW: ETNOGRAFIA DE GRUPOS MISÓGINOS EM REDES SOCIAIS NO BRASIL. *Almanaque Multidisciplinar De Pesquisa*, 12(1). Recuperado de <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/amp/article/view/9095>